
LÉXICO E DISCURSO: AS CLASSES DE PALAVRAS NO LÉXICO ESPECIALIZADO
DA ECONOMIA

ELISABETH ALVES*

RESUMO

A proposta desse trabalho é tratar as questões de léxico e discurso, em particular do discurso da área de economia, sob uma abordagem funcionalista e ilustrar as regularidades observadas no nível lexical. Para tanto, são analisadas as classes de palavras predicativas (substantivo, adjetivo, verbo e advérbio de modo) na sua função de mudança categorial, que, por um lado, expressam os conceitos da área de especialidade e, por outro lado, mostram que a forma dos itens lexicais não é estática como uma lista, mas se integra às exigências de expressão da área de especialidade e do discurso em geral.

PALAVRAS-CHAVE: Classes de palavras, partes do discurso, gramática funcional do discurso, linguagem de especialidade, discurso especializado.

FUNCIONALISMO E LINGUAGEM DE ESPECIALIDADE

Com base na Gramática Funcional de Discurso, doravante GFD (HENGEVELD, 2005; MACKENZIE & GÓMEZ-GONZÁLEZ, 2004), e no desenvolvimento teórico da Gramática Funcional (DIK, 1997), o presente trabalho se apóia em dois preceitos funcionalistas: o primeiro, geral, é o de estudar a linguagem em uso, como instrumento de comunicação; o segundo, mais específico, afirma que fatores de produção e de uso co-determinam, por meio de categorias e funções, a forma da expressão lingüística, em conjunto com as características morfossintáticas de uma língua. Com esse último preceito procuramos explicar a forma e a função das expressões lingüísticas que fazem parte do léxico do português e são encontradas

* Doutoranda PG-LIV/Capes da Universidade de Brasília.
E-mail: el.alves@terra.com.br

tanto no léxico da língua comum, quanto no da língua de especialidade da economia.

Este é o arcabouço teórico para integrar as diversas condições que determinam a forma final das unidades lingüísticas, já que a GFD trabalha com um modelo de gramática, no qual um componente gramatical – com seus níveis pragmáticos, semânticos, morfossintáticos e fonológicos – interage com um componente conceitual e contextual para explicar a produção e a interpretação das expressões lingüísticas articuladas. A direção de atuação desses fatores se dá em forma hierárquica, de cima para baixo (*top-down*). As unidades mínimas de discurso (os Atos do Discurso) são moldadas pela formulação (condições pragmáticas e semânticas) e expressas pela codificação (condições morfossintáticas e fonológicas) nas unidades lingüísticas, podendo ser simples ou complexas. Também estas correspondem a diversos níveis – morfema, palavra, constituinte (ou sintagma), oração, texto – e se estruturam na interação entre elementos primitivos com conteúdo semântico (por exemplo, os lexemas ou predicados) e elementos que se acrescentam devido às regras de expressão, nas diversas formas derivadas.

Por tudo isso, os itens lexicais, que tradicionalmente abrangem a unidade lingüística “palavra”, não se restringem apenas a formas prontas e listáveis nem tampouco necessariamente a unidades simples. Atos de Discurso completos podem, por outro lado, ser expressos em qualquer das unidades lingüísticas mencionadas, portanto também em uma palavra ou em um constituinte. Há de se considerar sempre o seu contexto gramatical imediato, assim como as condições particulares de produção e combinação. Particularmente, o discurso especializado, em oposição ao discurso comum ou geral, se ampara em condições especiais de produção e funcionamento e justifica a perspectiva funcionalista. São essas as condições especiais (RASTIER, CAVAZZA & ABEILLÉ, 2002):

- transmissão de conceitos específicos de uma determinada área de conhecimento, ou de suas técnicas;
- situações de interação entre interlocutores de maior ou menor grau de especialização;

- linguagem mais ou menos formal ou monitorada por fatores sociais e contextuais;
- objetivos e estratégias variados, tais como intercâmbio, ensino ou divulgação de informação.

Supõe-se, com toda razão, que essas condições especiais se reflitam formal e funcionalmente nas expressões lingüísticas características de uma área e, mais visivelmente, no léxico e na sua função como instrumento de comunicação.

O LÉXICO: CLASSES DE PALAVRAS

O modelo de gramática da GFD vê o léxico e suas unidades, isto é, os lexemas (ou predicados) como blocos de construção para unidades lingüísticas maiores e as situa no Fundo Lexical. Junto à forma, cada lexema (simples ou complexo) contém a categoria lexical (sua classe de palavras), as especificações de uso em termos de funções semânticas e valência, assim como diretrizes básicas para sua combinatória e variabilidade. Esses dois últimos fatores, no entanto, os vinculam à gramática, ou melhor, às regras de codificação (ou mapeamento) que provêm do uso e do discurso. Confirma-se, desta forma, que o léxico não constitui uma lista pronta e completamente idiossincrática, mas estruturada e “aberta” (POLGUÉRE, 2003). Na formação do léxico confluem, então, duas funções importantes:

- a função de enriquecimento lexical: conceitualizações novas, formas emprestadas, acepções novas de um item lexical;
- a função transposicional (mudança categorial ou transcategorial): lexemas com determinada categoria lexical mudam para novas classes de palavras.

Interessa, neste trabalho, sobretudo a última função, pois ela é responsável pela integração entre gramática e léxico no discurso, além de envolver peculiaridades da morfologia e sintaxe de uma língua. Estudos

tradicionais e recentes (LEHMANN, 1990; HENGEVELD, 1992; NEVES, 2002; BASÍLIO, 2004) tratam em detalhe das classes de palavras, ou partes do discurso. Apontam-se importantes conseqüências para a presença e atuação deste tipo de categorização nas línguas do mundo, além de defini-las em termos de predicação (HENGEVELD, 1992):

- Um predicado *verbal* é um predicado que, sem medidas complementares necessárias, tem *apenas* uso predicativo.
- Um predicado *nominal* é um predicado que, sem medidas complementares necessárias, pode ser usado como núcleo de um termo.
- Um predicado *adjetival* é um predicado que, sem medidas complementares necessárias, pode ser usado como modificador de um núcleo nominal.
- Um predicado *adverbial* é um predicado que, sem medidas complementares necessárias, pode ser usado como modificador de um núcleo não-nominal.

No âmbito da Gramática Funcional e da GFD, consideram-se como classes de palavras predicativas (“lexicais”) o V, N, Adj, Adv de Modo, por terem conteúdo semântico. Salienta-se, também, o agrupamento funcional destas: V, N com função de Núcleo; Adj e Adv com função de Modificador. Postula-se que a categoria lexical é atribuída no Fundo Lexical, ou seja, já entra no componente da gramática por via do componente conceitual. Isso fica mais nítido em línguas morfologicamente ricas, tais como o português, as quais fazem intenso uso de morfemas derivacionais, além de caracterizarem com razoável clareza as classes de palavras predicativas, tais como verbos (V) e substantivos (N), assim como os adjetivos (Adj) em função predicativa e de modificador. Assume-se que o N constitui o protótipo de classe para servir na referenciação, o V o protótipo para a função de predicação e adscrição e Adj e Adv de Modo os protótipos para a modificação: o primeiro do N e o segundo do V. De todo modo, é esta categorização que, por meio das funções de Núcleo e Modificador, é fundamental para a integração funcional e formal do léxico conforme as necessidades de expressão do texto e do discurso.

A base das conceitualizações é semântica e segue uma tipologia de entidades (LYONS, 1977; DIK, 1997; HENGVELD, 1992 e 2005), dependendo da sua natureza de objeto ou indivíduo (entidade de 1ª ordem), propriedade ou relação (entidade de zero ordem), evento ou estado de coisas (entidade de 2ª ordem), proposição (entidade de 3ª ordem) ou ato de fala (entidade de 4ª ordem). Assim, um N expressa tipicamente uma entidade de 1ª ordem, um V uma relação e um Adj uma propriedade, ambos entidades de zero ordem. Nota-se, no entanto, que com um N pode ser feita referência a diversas ordens de entidades, assim como a predicação e a adscrição não se restringem ao V; além disso, a modificação para acrescentar e salientar propriedades não cabe só ao Adj. De qualquer modo, a mudança categorial (ou transcategorial) inicia-se com a formulação e se efetiva, conseqüentemente, com a codificação que decorre da aplicação das funções pragmáticas, semânticas e sintáticas e das regras de expressão.

AS CLASSES DE PALAVRAS NO DISCURSO DE ESPECIALIDADE DA ECONOMIA

Em vista das definições e funções de categorias lexicais dadas anteriormente, observa-se que uma linguagem de especialidade, do mesmo modo como a língua comum, expressa os valores semânticos, assim como conceitos da área de especialidade, não só no léxico propriamente dito (morfemas, palavras e expressões multiverbais fraseológicas), mas também nas suas combinações em constituintes, orações, parágrafos, textos etc. A seleção das formas e dos seus variantes obedece não só à especificidade dos conceitos, mas também ao conhecimento compartilhado, à situação de interação, ao grau de formalidade e aos objetivos e estratégias da comunicação. Em termos de categorias lexicais, também valem aqui as funções de Núcleo e Modificador, assim como a Referência e a Adscrição. Mas o que, fora disso, particulariza um discurso especializado, são as mudanças categoriais, por exemplo, para a categoria N (“nominalizações”) para propiciar maior formalidade, maior concisão, maior precisão e maior informatividade.

vez em forma de Adj, este assume a função prototípica usada para adscrição de uma propriedade, a de um Adj qualificativo, embora possa se manter a ambigüidade de relacional/qualificativo, como no primeiro dado. Em oposição, são as formas das outras duas ocorrências claramente as de Adj qualificativos, modificando o Núcleo e acrescentando-lhe uma característica. Este mesmo Adj forma a base do V “comercializar” em (5), assim como do particípio (6) e do Adj deverbal em *-vel* de (7):

(5) Manter a dupla concentrada por cerca de quatro horas em projetos mirabolantes de cidades e aeroportos foi o atestado de aprovação definitivo para que Barriou fundasse a Criatoy, empresa que *comercializa* e desenvolve brinquedos pedagógicos.

(6) Hoje as tartarugas *comercializadas* em restaurantes de qualidade são criadas em cativeiro e liberadas pelo Ibama.

(7) Produzimos, anualmente, 200 mil toneladas de bagaço de cana, que podem ser utilizados na geração de calor, vapor e energia que, além de suprir as necessidades das usinas de açúcar e álcool, produz excedentes *comercializáveis*.

O conceito específico (a atividade “fazer comércio”) assume agora sua função de predicador (V) e foi “verbalizado”, concentrando atividade e ação. Isso possibilita ao conceito que expressa a atividade ter seus próprios argumentos, também para especificá-la. Já em (6) permaneceu uma certa ambigüidade entre o verbal (a ação) e o adjetival (a característica), intrínseca a muitos particípios. Porém, uma vez Adj, há a possibilidade de atribuir a ação perfectiva a um Núcleo nominal, condensando o resultado em um único constituinte, fato que reforça concisão e informatividade e dá fluidez ao texto. Do mesmo modo, concentra o Adj a forma em (7), uma atividade possível e, com ela, qualifica o Núcleo. Ainda da forma verbal provém a nominalização da atividade em (8) e (9) a seguir:

(8) A proposta de organizar a produção e *comercialização* de vinhos visava proteger o consumidor contra fraudes de toda sorte, com

bebidas que inundaram o mercado ostentando, abusivamente, o nome “vinho”.

(9) Os erros mais comuns, conta, são o profissional investir em estufas antes de definir qual cultura cultivar ou começar o negócio sem conhecer todas as doenças e pragas ou ter a *comercialização* organizada.

As formas novamente transpostas para a categoria N respondem à necessidade de terem função de Núcleo e centrarem a referência, seja como nominalizações de ação com estrutura argumental própria, como em (8), seja como atividade não-específica (9). Nos dois casos, nota-se que há diferença semântica considerável com a forma original “comércio”, embora as funções no texto sejam as mesmas. A forma nova expressa um outro conceito da área, mas também leva a uma reestruturação significativa do texto, com as adaptações devidas na codificação. Ainda maiores são as mudanças no exemplo terminado em “-mente”, item (10):

(10) Lançada *comercialmente* em 1996, a catarina teve as primeiras mudas plantadas imediatamente por pomicultores profissionais.

(11) O remédio mais eficaz para ambos os sexos, no entanto, é a isotretinoína, conhecida *comercialmente* como Roacutan.

O Adv de Modo com o morfema de adverbialização do português, que tipicamente modifica uma forma verbal e, conseqüentemente, um estado de coisas, qualifica a ação em (10). O conjunto pode ser parafraseado com “lançada de forma comercial” e forma um constituinte altamente condensado. Já em (11), a mudança categorial ajuda a situar um evento inteiro em determinada área especializada, correspondendo a “conhecida/relevante na área/no âmbito comercial”. Mas embora não haja modificação como em (10), o constituinte – desta vez oracional – é muito informativo e específico à área da economia.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Concluindo esta breve análise, confirma-se a relevância das classes de palavras como estruturadoras do texto e do discurso, o que justifica plenamente um modelo de gramática que leva tanto a formulação (pragmática e semântica), quanto a codificação (morfossintática) em consideração. A produtividade e a regularidade do fenômeno de mudança categorial contradizem a visão tradicional da idiossincrasia do léxico, mas também mostra que a gramática é suscetível às informações provenientes do léxico e, eventualmente, do léxico de base especializada. Essa situação limítrofe realça fatores importantes para o estudo do texto em geral e do texto especializado, a serem ampliados e confirmados em pesquisas futuras: i) os conceitos de uma área especializada – tal como da economia – obedecem, de modo geral, aos preceitos funcionalistas gerais e particulares de uma língua, embora seu arranjo no texto e no discurso possa refletir maior formalidade, maior concisão e maior informatividade; ii) a unidade lingüística “palavra”, tão enfatizada como protótipo do léxico, é apenas uma das formas de expressar conteúdo semântico e discursivo. Há de se considerar as unidades do morfema, como vistas no exemplo “–mente”, do constituinte, como mostrado nas formas adjetivais com função de Modificador, da oração, ou até mesmo do Ato do Discurso, como discutido no conjunto de Núcleo e Modificador e do “–mente” no contexto.

LEXICON AND DISCOURSE: THE WORD CATEGORIES IN THE SPECIALIZED LEXICON OF ECONOMY

ABSTRACT

This paper aims at discussing the topics of lexicon and discourse – mainly in specialized discourse of Economics – by means of a functionalist approach and also at showing its regularities on the lexical level. Thus, we analyse the predicative word classes (nouns, adjectives, verbs and manner adverbs) in terms of word class changing since these express domain-specific concepts and furthermore

prove that the form of lexical items is neither fixed nor listable, yet rather adapts to the expression tasks of the specialized domain and discourse in general.

KEY WORDS: Word classes, parts of speech, functional discourse grammar, language of specific purposes, specialized discourse.

REFERÊNCIAS

BASÍLIO, M. *Formação e classes de palavras no português do Brasil*. São Paulo: Contexto, 2004.

DIK, S. C. *The theory of Functional Grammar*. Part 1 e 2. Ed. by Kees Hengeveld. Berlin/New York: Mouton de Gruyter, 1997.

GROOT, C. de; HENGEVELD, K. (Eds.). *Morphosyntactic expression in Functional Grammar*. Berlin: Mouton de Gruyter, 2005. (Functional Grammar Series 27).

HENGEVELD, K. *Non-verbal predication: theory, typology, diachrony*. Berlin: Mouton de Gruyter, 1992. (Functional Grammar Series 15).

_____. Dynamic Expression in Functional Discourse Grammar. In: GROOT, C. de; HENGEVELD, K. (Eds.). *Morphosyntactic expression in Functional Grammar*. Berlin: Mouton de Gruyter, 2005. (Functional Grammar Series 27).

LEHMANN, Ch. Towards lexical typology. In: CROFT, W.; DENNING, K.; KEMMER, S. (Eds.). *Studies in typology and diachrony*. Amsterdam: Benjamins, 1990.

LYONS, J. *Semantics. Volume 1 and 2*. Cambridge: Cambridge University Press, 1977.

MACKENZIE, J. L.; GÓMEZ-GONZÁLEZ, M. A. (Eds.). *A new architecture for Functional Grammar*. Berlin: Mouton de Gruyter, 2004.

NEVES, M. H. de M. *A gramática: história, teoria e análise, ensino*. São Paulo: Editora UNESP, 2002.

POLGUÈRE, A. *Lexicologie et sémantique lexicale*. Montréal: Les Presses de l'Université de Montréal, 2003.

RASTIER, F.; CAVAZZA, M.; ABEILLÉ, A. *Semantics for description: from Linguistics to Computer Science*. Stanford: CSLI Publications, 2002.